

Para uma civilização de amor e liberdade

Homilias pascais
1974-1982

Colecção **Mundo • Evangelho • Igreja**

Direcção de
Carlos A. Moreira Azevedo

Apoio à edição



Título	Para uma civilização de amor e liberdade Homilias pascais. 1974-1982
Autor	António Ferreira Gomes
Editor	Fundação Spes Casa da Torre da Marca Rua D. Manuel II, 286 4050-344 Porto Portugal www.fspes.pt fspes@fspes.pt
Design	Xavier Neves
Composição	António Valdemar Ribeiro
Tiragem	500 exemplares
ISBN	978-989-97111-0-5
Depósito Legal	324901/11
Local e data de edição	Porto, 2011

António Ferreira Gomes
bispo

**Para uma civilização
de amor e liberdade**
Homilias pascais
1974-1982

Introdução de
Manuel Madureira Dias
Bispo emérito do Algarve



FUNDAÇÃO SPES





Apresentação

A partir do ano sacerdotal, a Fundação Spes propôs-se reunir textos de D. António Ferreira Gomes alusivos à temática. Não era necessário republicar o que está recolhido no livro *Ministério sacerdotal e sua renovação: considerações actuais dirigidas ao clero e Igreja do Porto* (Porto: Telos, 1973. 291 p.). Corresponde esse trabalho a uma fase de doutrinação intensiva, após o regresso do exílio. Apostava firmemente em encontrar caminhos renovados para o ministério presbiteral no pós-concílio. Desde a intervenção no Conselho Presbiteral (Outubro de 1971) até 1973 sucedem-se as reflexões, a partir de um inquérito lançado ao clero, aquando do Sínodo dos Bispos. Esse conjunto terminou com o texto, ainda hoje surpreendente, “carta a um jovem padre da Igreja deste tempo”, sob o título: *Tu ... quem és?*, datado de Alba de Tormes, Agosto de 1973.

Para corresponder ao referido intento, uma das possibilidades consistia em reunir as homilias da missa crismal (quinta-feira santa) e das ordenações, onde o Prelado dirigia aos padres presentes perspectivas para a vivência do seu ministério. Verificámos contudo que havia uma ligação, desejada pelo Autor, entre as homilias da Semana Santa, desde Domingo de Ramos até ao Domingo de Páscoa. Optámos, portanto, por reunir todas as homilias pascais, publicadas ou inéditas.

Os marcos cronológicos são os seguintes: iniciam em 1974, ainda antes de 25 de Abril, e vão até à saída do Bispo diocesano do Porto, ocorrida em 1982. Os textos referentes à Páscoa, anteriores ao exílio, ou já foram publicados pela Fundação nos *Escritos pastorais de Portalegre* (Homilia de Páscoa de 1949: p.55-62; Mensagem

pascal de 1950: p.94-103; Mensagem pascal de 1951: p.195-202; Alocução pascal de 1952: 308-314), ou pela Figueirinhas em 1971, no livro *Endireitai as veredas do Senhor* (Mensagem pascal de 1955: p.123-129).

Porque diversas vezes D. António não escrevia a homilia, mas improvisava, resultou da busca realizada a seguinte estatística: 4 homilias de Ramos: 1976, 1977, 1978, 1979; 6 da Missa Crismal: 1974, 1976, 1977, 1978, 1979, 1982; 4 da Missa da Ceia: 1974, 1976, 1977, 1978; 1 Homilia da Paixão: 1976; 1 Homilia da Vigília pascal: 1974; 7 da Páscoa: 1975, 1976, 1977, 1978, 1980, 1981, 1982. Verifica-se que as longas liturgias da Paixão e da Vigília pascal não pediam homilias tão desenvolvidas e Ferreira Gomes não preparava texto, dada a brevidade exigida.

Demos à recolha obtida o título de “Para uma civilização de amor e liberdade”. Pensámos assim respeitar o fio condutor da maioria dos textos, mobilizadores dos cristãos para serem actores dos critérios do Reino de Deus, testemunhas dos valores evangélicos no mundo, pelo dinamismo do Espírito.

Muito agradecemos o prefácio, leitura global dos textos reunidos, pedido a D. Manuel Madureira Dias, bispo Emérito do Algarve. A sua palavra respeitada e serena servirá de guia e estímulo a uma via interpretativa destas homilias, agora textos doutrinários de referência e então incidentes numa hora de renovação e proclamados em momento maduro e criativo do Bispo do Porto.

+ Carlos A. Moreira Azevedo
Presidente da Fundação Spes

Prefácio

A presente publicação coloca-nos em presença de um conjunto de homilias pascais, proferidas em diversas semanas santas, por D. António Ferreira Gomes. No seu estilo inconfundível, o Bispo do Porto, leva-nos a descobrir a profundidade do seu pensamento, entretecida com uma vasta cultura humanista e filosófica, sempre iluminada pelo grande rigor teológico com que sabe apresentar a fé cristã. Como homilias, que são, o seu objectivo directo consiste na iluminação evangélica de algumas realidades da vida humana, situadas no tempo e no espaço português. A sua linguagem escorreita faz-nos remontar ao tempo do grande missionário e literato Padre António Vieira que, em seus sermões, deixou mais rica a literatura portuguesa. A sua profundidade humanista e filosófica, nada desmereceria se a fizéssemos figurar ao lado dos grandes pensadores do nosso tempo. A visão de fé esclarecida, profundamente baseada numa Teologia sólida e documentada, continuamente remissiva para os grandes «fazedores» da Teologia dos últimos anos do século XX, poderia justificar que o apelidássemos de Bispo «teólogo».

Tornar-se-ia fastidioso, para os leitores, que, numa simples introdução como esta, me pronunciasse, em particular, sobre cada um destes pontos que acabo de focar; e poderia mesmo correr o grave risco de vir a tornar menos interessante, com comentários supérfluos ou aligeirados, a leitura directa dos escritos eruditos que o Autor nos legou. Não posso, contudo, deixar de chamar a atenção dos leitores para a precisão com que D. António trata os assuntos quentes que, então, se viviam no País, tais como: liberdade, democracia e respeito pela dignidade da pessoa humana. Estávamos

nos tempos revolucionários dos anos próximos e posteriores àquele vinte e cinco de Abril de 1974!

Limitar-me-ei, apenas, a respigar alguns dos seus pensamentos, que precisam, com muita exactidão teológica, a fundamentação do sacerdócio da Igreja, quer enquanto participado pelo Povo de Deus, quer enquanto exercido, ministerialmente, pelos fiéis chamados ao sacerdócio hierárquico para exercer o qual foram ordenados por um sacramento próprio.

1 — O Padre, «sinal sacramental» de Cristo Sacerdote

O conceito de sinal é um conceito teológico. Quando dizemos que a Igreja é sinal sacramental de Jesus Cristo, estamos a afirmar a existência de uma relação entre Cristo e a Igreja, e a indicar que toda a capacidade divina, concretizada na acção desta, jorra de Cristo como única fonte de graça e de vida para todo o Povo de Deus. A Igreja não reza, não vive em fraternidade, não anuncia nem testemunha o Evangelho, nem serve a sociedade, pelo que ela é, em si mesma, mas por aquilo que Cristo realiza nela, e através dela como seu instrumento e «sinal».

A Igreja é sinal de Cristo que deu e dá a vida pelas suas ovelhas; e reproduz a pessoa de Cristo no seu todo. Cada um dos seus membros encarna um peculiar aspecto do mistério de Cristo: uns mostram Cristo orante; outros, Cristo sofredor; outros, Cristo trabalhador; outros, Cristo pobre. Os Pastores são chamados a reproduzir, na Igreja, o rosto de Cristo Sacerdote e Pastor.

Cabe-lhes, de modo especial, e por força da sua consagração no sacramento da Ordem, a missão de, através da oração, da vida e do ministério que exercem, fazer Cristo presente e operante na comunidade e no mundo, enquanto ministros da Igreja que representam, em carne humana, o seu Senhor.

Registe-se, a propósito, o que disse D. António, na sua homilia de sexta-feira santa de 1976:

«Participar da missão sacerdotal de Jesus é identificar-se com a sua qualidade, com a sua essencial vocação de sacerdote e vítima... Não pode o cristão pensar que participa na missão de Cristo se não se identificar com Cristo Vítima, que é ao mesmo tempo Cristo Sacerdote. É pela sua Morte

que nós podemos ser identificados com o seu sacerdócio. Isto é verdade de todos os fiéis que tenham vocação sacerdotal, o sacerdócio baptismal. Muito mais o é para aqueles que devem cultivar na Igreja o sacerdócio universal, para aqueles que têm o ministério, o próprio ministério de cultivar o sacerdócio universal dos fiéis, isto é, para os sacerdotes ministeriais».

Anoto, com gosto, a relevância, dada pelo Autor do texto citado, à missão, que cabe aos sacerdotes ministeriais, de serem os cultivadores do sacerdócio universal dos fiéis. Neste sentido, fica patente que a missão daqueles a quem chamamos «Padres», pelo facto de o serem, têm a seu cargo não só a missão de viver e dar a vida à imagem de Cristo Sacerdote e Vítima, mas também a de cultivar nos fiéis a sua própria vocação «sacerdotal».

A imagem de Cristo Pastor, que dá a vida, é plenamente realizada no mistério da oferta em gesto de amor sacerdotal que Cristo Pastor realizou, e se concretiza na prática de vida da Igreja, quer na atitude sacerdotal dos seus membros, quer na acção ministerial exercida pelos que foram ordenados para exercer o ministério hierárquico.

Vale a pena acentuar a centralidade do sacrifício de Cristo que põe termo a todos os sacrifícios pagãos e mesmo aos do Antigo Testamento, para fazer sobressair como a grandeza do sacerdócio da Igreja só poderá encontrar o seu significado pleno, se os seus membros assumirem na vida a sua participação no mistério de Cristo, vítima e oferente, como também afirma D. António, na homilia já citada.

O sacerdócio de Cristo é um só, quer seja participado pelos fiéis leigos, quer seja participado pelos que exercem o ministério sagrado. Cristo é o único «Ungido» por aquela «*unção que vem do Santo*». Por ela, diz o Bispo do Porto, *a unidade do sacerdócio ministerial centrada no Bispo, leva o sacerdócio de Cristo, em símbolo e sacramento, a todo o Povo messiânico de Deus*» (Homilia da Missa Crismal de 1977).

A base e fundamento de todo o sacerdócio exercido na Igreja e pela Igreja, tem, portanto, como base e fundamento, o mistério pascal do Senhor. Sem o acto eficaz da sua morte e ressurreição, não haveria redenção humana. A oferta da vida de Cristo, como oblação agradável a Deus, numa total e definitiva identificação da sua vontade humana com a vontade e o desígnio do Pai, é o

contraponto, necessário e indispensável, à atitude pecadora do homem que, rebeldemente, se afasta da vontade divina, para fazer a sua própria vontade. Oferecer a vida é oferecer tudo o que somos e temos, incluindo a nossa liberdade e a própria vontade pessoal. No Calvário, de modo claro e insofismável, encaramos com esta oferta de Cristo ao Pai. Aí está o acto supremo do seu sacerdócio. E para que não restassem dúvidas sobre isso, na véspera da sua Paixão, Jesus deixou-nos o sinal sacramental dessa entrega, quando, na Eucaristia, se fez «corpo entregue» e «sangue derramado».

Ora, a Igreja exerce neste mistério sacramental do pão, convertido em corpo, e do vinho, convertido em sangue de Cristo, a sua missão ministerial e sacerdotal. Isso exigirá dela que seja sinal claro e transparente do que Cristo quis continuar a realizar sobre a terra, servindo-se da Igreja seu «sinal sacramental» à qual ordenou que repetisse aquela Ceia em «sua memória». Contudo, não será a Igreja, como comunidade global quem há-de exercer esta missão através dos seus membros, de modo indiscriminado. O Autor destas homílias, di-lo, de maneira muito precisa, quando na homília da Missa da Ceia de 1978, escreve:

«Que a Eucaristia deve ser celebração da comunidade é bem certo, mas da comunidade hierarquicamente organizada e devidamente representada. De outra forma, como é que manteria a memória autêntica da instituição da Ceia eucarística? Quem assumiria, por si e para si, o direito de dizer: tomai e comei, tomai e bebei! Está escrito, e já no Antigo Testamento, que ninguém pode tomar para si essa função senão quando é chamado por Deus, como Aarão».

2 — O Presbítero, sinal sacramental de Cristo Pastor

Ser sinal sacramental de Cristo Pastor exige dos sacerdotes, entre muitas outras coisas: um amor de identificação e um o amor de comunhão. O primeiro é característico do Presbítero, e pressupõe a vontade de querer assumir na vida pessoal e ministerial, as atitudes, os comportamentos e as acções de Cristo Pastor.

O amor de comunhão, embora mais comum a todos os membros da Igreja, não poderá deixar de existir no coração do Padre, pois significa uma aproximação da pessoa amada, a cujos desejos e vontade todos, na Igreja, são convidados a corresponder.

Será por este amor que os «sacerdotes e pastores» se tornarão verdadeiros sinais de Cristo Pastor. Trata-se de um amor que se revela em formas bem concretas de vida.

Deverá ser um amor pleno, e, portanto, livre, confiante, misericordioso, generoso, abnegado e testemunhal.

Livre. De que liberdade? Daquela que nasce da Páscoa de Cristo, como festa da libertação, «libertação da morte, do medo da morte e de todas as coisas mortas que atulham a vida» que é, ao mesmo tempo, *«um convite permanente para a vida pessoal em verdade escatológica e exigência corajosa e imperativa de avanço progressivo e evolutivo nas sendas sociais duma civilização de liberdade e amor»* (Homilia do dia de Páscoa de 1977). Trata-se de uma liberdade que é graça de Redenção e Libertação e que passa sempre pelo amor (Cf. Homilia de Domingo de Ramos de 1977). *«Cristo, que livremente se entregou por nós, é, pois, o modelo e consumação da nossa liberdade»*. (Homilia de Missa Crismal de 1977). *«O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas»* (Cf. Jo.10,11).

Mas o amor pleno do Pastor há-de ser também revestido de confiança. Se o Pastor perder a razão de ser da sua entrega e da Pessoa que representa, face à Igreja e ao mundo, pode correr o risco de desanimar, perante as dificuldades que tenha de enfrentar. O Pastor é o homem que, em seu amor, há-de saber dizer com verdade: «sei em quem acreditei», porque, como se lê na homilia da Missa Crismal de 1977: *«a liberdade traduz-se na prática mais alta, à imitação de Cristo, na possibilidade da disposição total e definitiva que o sujeito livre faz de si mesmo e da sua vida»*. Se não confiarmos naquele que nos ama até ao ponto de dar a vida por nós, em quem poderíamos confiar?

Um amor livre e confiante e, necessariamente, misericordioso. Jesus, o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, amou, como ninguém e deu mostras de uma misericórdia sem limites. Quando o apelidavam de «amigo dos pecadores», Ele sabia responder explicitamente à provocação e deixou-nos parábolas admiráveis da misericórdia do Pai que Ele veio revelar, como verdadeiro Pastor. Basta-nos lembrar o cap.15 de Lucas. Mas, para, como pastores, exercermos um amor verdadeiramente misericordioso, pressupõe-se que sejamos sensíveis e compassivos para com aqueles que

precisam de quem os ame misericordiosamente. O Padre é sinal sacramental desse amor misericordioso de Cristo, o Bom Pastor!

Ser Pastor livre, confiante e misericordioso reclama, da parte dos Presbíteros, sinais sacramentais de Cristo Bom Pastor, uma verdadeira entrega generosa e abnegada. A vida de um Pastor não pode ser entendida, e menos ainda gasta, sem uma forte dose de generosidade. São Pedro lembra a todos os cristãos que o serviço exercido no interior da comunidade eclesial e humana, deve ser prestado, sem qualquer tipo de coacção e nunca por motivos de qualquer espécie de interesse ou ânsia de dominar (Cf. 1Ped.5,1-4). Ou, dizendo de outro modo: deve ser um serviço positivamente livre que, como nos diz D. António, não é mais que «*a possibilidade do homem, de dispor totalmente de si mesmo e da sua vida*». (Homilia de Domingo de Ramos de 1977). Ora, tudo isto supõe e reclama uma grande abnegação, ou seja, uma grande capacidade de sacrifício pelo rebanho a si confiado, a exemplo de Paulo (Cf. 1Cor.4,9-15).

Tudo isto constitui a melhor atitude testemunhal dos Pastores, chamados a ser «modelos do rebanho».

Desta forma, os ministros sagrados serão, verdadeiramente, «sinais sacramentais» de Cristo Sacerdote e Pastor.

+ Manuel Madureira Dias,
Bispo emérito do Algarve